

ANC 02

Constituinte, agora "centro de ataques"

26 FEV 1988

ARLETE SALVADOR
Enviada especial

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, afirmou ontem que, em vez de se dedicar a temas constituintes, a Assembléia Nacional Constituinte transformou-se num centro de ataques levianos ao presidente Sarney. "Quem acusa sem provas é leviano", disse. Nesse clima de atitudes extremadas, o ministro acredita que qualquer entendimento real é difícil, porque "ninguém vai abdicar de suas posições". Isso só seria possível, segundo ele, se o deputado Ulysses Guimarães desse o primeiro passo, da mesma forma como foi a Tancredo Neves e, ao próprio Sarney para fazer indicações ministeriais.

As declarações de Antônio Carlos foram feitas poucas horas depois da reunião ministerial no gabinete do ministro da Justiça, Paulo Brossard, em que o tema principal foram justamente as queixas contra a Constituinte, numa nova investida pelos cinco anos. Para ele, os constituintes estão incluindo na nova Carta uma série de dispositivos que vão pesar nos custos das empresas e, por consequência, no bolso do consumidor. "São dispositivos altamente prejudiciais ao País e representam um elemento a mais no agravamento da crise econômica", afirmou.

Segundo o ministro, as decisões estão sendo tomadas em clima emocional que não leva à razão e sob forte patrulhamento, o que chega a intimidar os constituintes. "É um patrulhamento das organizações de esquerda, aproveitando-se de um momento realmente difícil do País e com objetivos conhecidos", explicou. Sem mencionar o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, Antônio Carlos disse que os acordos para votação estão sendo feitos apenas por um pequeno grupo. A maioria dos parlamentares, afirmou o ministro, só toma conhecimento e muitos chegam a votar sem esclarecimentos. "A Constituinte deve ser o resultado de um consenso, o que só é possível através de ampla discussão", comentou.

Apesar das críticas, o ministro garantiu que não há interesse do

governo em confronto com a Constituinte: "Acontece que, infelizmente, a Constituinte tornou-se um centro de ataques ao presidente". Para ele, nem a proposta de armistício do deputado Ulysses Guimarães foi suficiente para apaziguar os ânimos. "Todo apaziguamento é bem-vindo, desde que seja real, manifestado através de fatos e atos", esclareceu, lembrando que todo mundo pode opinar sobre a Constituinte, menos o presidente. "É considerado intromissão", ironizou.

Para o ministro, ao lançar a proposta e "como político experimentado, com relevantes serviços prestados ao País", Ulysses deveria entender que cabe a ele a missão de dar o primeiro passo. "Se o deputado Ulysses Guimarães foi à Tancredo Neves e ao próprio presidente Sarney para indicar ministros, por que não poderia voltar para falar sobre a Constituinte?", perguntou. O presidente Sarney, assegurou, é um político de espírito conciliador. E acrescentou: "Conciliar não significa que ele seja obrigado a ceder sempre, afinal, qualquer tentativa de apaziguamento passa pelo respeito ao mandato do presidente".

O MELHOR PARA O BRASIL

Antônio Carlos Magalhães acha que a questão do mandato presidencial é uma só: "Decidir o que é melhor para o Brasil, sobretudo para a economia". No momento, contou, o governo está empenhado em colocar a situação econômica em ordem e em melhores condições, "o que será bom até para os futuros candidatos presidenciais". Ao governo também interessa, acrescentou, ter uma Constituição boa, concluída no menor tempo possível, "mas não inviável pela pressa".

Na sua opinião, a redação dos artigos votados seriam melhores se houvesse o apoio de juristas. "A Constituição deve ser feita levando-se em consideração aspectos técnicos e políticos. Mas, sem dúvida, a competência no direito não atrapalha a política", explicou, acrescentando que, na sua última entrevista, em São Paulo, não sugeriu "zerar" a atual Constituinte. "A intenção não foi essa, mas muitos se arvoraram em pruridos inadequados na defesa da Constituinte."

ESTADO DE SAO PAULO

26 FEV 1988